

AMIN, Mário Miguel. **A Amazônia na geopolítica mundial dos recursos estratégicos do século XXI**. Revista Crítica de Ciências Sociais [Online]. 107 (2015). Pág. 17-38. URL: <http://rccs.revues.org/5993>; DOI: 10.4000/rccs.5993

Brena Regina Lopes Machado

Mestranda em Geografia
Universidade do Estado do Pará
Programa de Pós-graduação em Geografia - PPGG
blopmach@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8857-5380>

Jônatha Rodrigo de Oliveira Lira

Professor Dr. em Demografia
Universidade Federal do Pará - UFPA
rodrigao@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7268-9850>

Professor Doutor em Economia agrícola pela Universidade da Flórida/EUA, Mário Miguel Amin Garcia Herreros¹, falecido em 05 de junho de 2020, vítima da COVID-19, foi um cientista de grande contribuição para os estudos da Amazônia com áreas de interesses de pesquisa em Teoria dos sistemas; Métodos quantitativos; Geopolítica Internacional; Amazônia no Macro-ambiente Internacional e Desenvolvimento sustentável. A temática em análise, “A Amazônia na geopolítica mundial dos recursos estratégicos do século XXI” discute a posição geopoliticamente estratégica da região Amazônica diante da perspectiva global de escassez de recursos naturais necessários para o crescimento da economia mundial no século XXI.

Segundo o autor, o paradigma da globalização definiu, a partir dos anos 1980, uma nova configuração geopolítica determinada pela crescente demanda internacional por recursos naturais estratégicos. Nessa nova conjuntura global, a busca por “territórios

¹ Professor Visitante no NAEA desde 1996. Ali foi Coordenador do Curso de Especialização em Política de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento da Amazônia (CIPCTAM) financiado pela United Nations University (UNU) e outros organismos. Foi professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), e, desde a sua fundação, do Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública (PPGGP). Foi também, sob a liderança do Prof. Dr. Luís Eduardo Aragón Vaca, Assessor da Cátedra UNESCO de Cooperação Sul-Sul para o Desenvolvimento Sustentável, sediada no NAEA. Mário Amin exerceu o cargo de Secretário-Geral, e contribuiu para consolidar a Incubadora de Políticas Públicas da Amazônia (IPPA), sob a direção do Prof. Dr. Fábio Carlos da Silva. Recentemente, no ano de 2019, havia se desligado do NAEA a fim dedicar mais tempo à família. Desde 1992 Mario Amin foi professor da Universidade da Amazônia (UNAMA) (NOTA DE PESAR – UFPA/PPGGP, 2020).

vitais” tornou-se fator crítico para aquelas economias hegemônicas que, durante séculos, tem determinado o rumo do comércio internacional. Nesse processo, as regiões ricas em recursos estratégicos passam, assim, a ser o centro das atenções internacionais. A região Amazônica, detentora do maior estoque de recursos estratégicos – água, minerais, biodiversidade – do planeta, passa a constituir o “espaço vital” do século XXI. Determina-se, assim, uma nova realidade geopolítica para a região Amazônica, exigindo maior presença do Estado visando não só seu crescimento econômico e desenvolvimento sustentável como também reafirmar a soberania da região.

Com a globalização, as relações internacionais dos países hegemônicos deixaram de ser simplesmente uma organização e controle das ideologias regionais com ações políticas visando o equilíbrio regional do poder para promover a integração internacional das economias abrindo oportunidades para outros países. Foram definidas novas políticas nacionais e de relacionamento internacional para enfrentar a competição por matérias-primas.

A globalização potencializou a criação de uma nova ordem mundial fundamentada na capacidade tecnológica, com isso cresce a competitividade por matérias-primas estratégicas (água, minerais e biodiversidade) para atender a crescente demanda das economias dominantes do mercado internacional de *commodities* e com isso, determina a regionalização geopolítica dos padrões de exploração e comercialização internacional do século XXI.

A forma de apropriação de áreas ricas em recursos, por parte das economias hegemônicas, incentivou uma nova estrutura global em que os conflitos armados passaram a definir a formação de “espaços vitais” estratégicos de recursos naturais. Geopoliticamente duas regiões se apresentam como “espaços vitais”: a região formada pela Ásia Central e a bacia do mar Cáspio que detêm as maiores reservas de hidrocarbonetos do mundo; e a região Amazônica por sua grandiosidade territorial, sua riqueza de recursos naturais e a exuberância de sua biodiversidade. A Amazônia passou a atrair as atenções internacionais, pelas riquezas do subsolo regional e, especialmente, pelo seu grande potencial hídrico. Essa riqueza tem motivado muita preocupação

nacional, mas especialmente internacional, sobre a maneira como seus vastos recursos naturais poderiam ser aproveitados de forma sustentável.

A sobrevivência do poder hegemônico de países como Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos depende do acesso à vasta fronteira internacional de recursos naturais estratégicos. A importância geopolítica da Amazônia no cenário internacional tem sido determinada por seu grande estoque de recursos estratégicos, que despertam interesses expressos nas estratégias geopolíticas de países e instituições internacionais. A Amazônia passa a ser o centro mundial do mercantilismo dos recursos naturais.

Diante da pressão global pela disponibilidade de recursos naturais estratégicos para a manutenção do padrão de desenvolvimento e crescimento econômico, a Amazônia assume no século XXI importância geopolítica mundial, exigindo iniciativas administrativas e políticas, por parte dos governos, para garantir a soberania na conservação e na utilização dos recursos. Mesmo a biodiversidade da região Amazônica sendo vista como o principal ecossistema do planeta para manter a diversidade e a qualidade de vida do homem, considerando fatores político-econômicos, fatores socioculturais e fatores biológicos, a complexidade do controle ambiental, no Brasil, tem sido a grande preocupação de diversos órgãos governamentais e não governamentais na perspectiva de definir políticas dirigidas a tomar ações concretas objetivando reduzir as perdas do bioma da Amazônia, assim como, sua apropriação indevida.

Destaca-se que a Amazônia é grande detentora de estoques de recursos minerais necessários para os avanços tecnológicos do século XXI (como ferro, bauxita, alumina, ouro, estanho, manganês, diamantes, gemas, cromo, cobre, níquel e pedras semipreciosas), contendo uma das maiores províncias minerais do mundo (Carajás). A utilização de tais recursos exige técnicas de exploração e exportação em que sejam incorporados processos ambientalmente sustentáveis, visando a garantir o desenvolvimento regional da Amazônia dentro da nova ordem mundial de desenvolvimento sustentável.

A importância da água para todos os setores da economia, especialmente para alcançar o desenvolvimento sustentável, é alvo de debate internacional. A escassez de água é um processo gradativo que se intensifica pelo desperdício e mau uso, além do próprio crescimento demográfico, de forma que, aos poucos, os continentes vão sofrendo perdas de disponibilidade *per-capita* de água doce e com isso sérios conflitos regionais podem ser iniciados, gerando uma crise global que pode ser causada, principalmente, pelo fato de os recursos hídricos serem um dos motores do desenvolvimento econômico de quase todos os países, nos setores da agricultura e da indústria. A água passa a adquirir um valor econômico em função de sua contribuição para as atividades produtivas e industriais.

O Brasil é o detentor das maiores reservas de água doce líquida do planeta, nas bacias dos rios Amazonas, São Francisco, Tocantins-Araguaia, Parnaíba e Paraná. Em seu território encontram-se os maiores aquíferos do mundo: o aquífero Guarani (maior parte no subsolo brasileiro) e o aquífero Alter-do-Chão. Diante dos possíveis conflitos internacionais por causa da escassez de água exige-se, por parte do Governo brasileiro, formulação de políticas públicas dirigidas a fortalecer a integração regional da Amazônia e a definir uma dinâmica geopolítica sobre a maior fronteira de recursos naturais do planeta.

A globalização das atividades financeiras, econômicas e sociais é uma realidade que tem gerado tanto oportunidades como preocupações, com a crescente desigualdade das forças do mercado atuando nos diferentes setores da economia internacional. As alterações decorrentes do processo de globalização nos serviços de produção, industrialização e comercialização trouxeram novas responsabilidades para garantir a administração dos recursos naturais estratégicos e promover políticas regionais visando fortalecer as políticas públicas de desenvolvimento sustentável da Amazônia.

A globalização trouxe para a Amazônia, por um lado, a possibilidade de participar na transformação do contexto do comércio internacional; por outro lado, trouxe também a exigência de preservar, nesse novo cenário de processos tecno-industriais intensivos em recursos naturais, sua soberania territorial. A internacionalização da economia mundial criou novas dimensões econômicas e

geopolíticas, na qual a incorporação de recursos estratégicos se tornou a regra do mercado, e na Amazônia cita-se a biodiversidade, os recursos minerais e as grandes reservas de água doce.

Mário Amin conclui que a Amazônia na geopolítica mundial dos recursos estratégicos do século XXI se destaca por uma nova ordem global considerando como foco de desenvolvimento econômico a exploração dos “espaços vitais” de recursos naturais estratégicos e que, nessa perspectiva, a Amazônia se torna um alvo importante na geopolítica - considerando seus recursos estratégicos disponíveis no território. Tais recursos do século XXI abrangem a biodiversidade, os minerais, a água. Assim sendo, a Amazônia se apresenta como um palco estratégico que desperta interesse global, e quanto maior a interdependência de mercado, mais conflitantes podem ser as relações existentes. Diante do novo contexto global de desenvolver pela busca e apropriação de recursos estratégicos necessários para o crescimento da economia global, preocupa a preservação dos recursos e a soberania da Amazônia.